

R. C. SPROUL

ESTAMOS

UM PROTESTANTE  
ANALISA O  
CATOLICISMO ROMANO

JUNTOS?



VIDA NOVA

Durante duas décadas (ou mais), os evangélicos vêm recuando de forma consistente de quase todas as frentes de disputas históricas com as doutrinas da igreja católica romana. A declaração intitulada *Evangélicos & Católicos Juntos* acelerou a busca de uma distensão entre evangélicos e católicos em meados dos anos 1990. Muitos evangélicos parecem acreditar que se trata de um movimento positivo e unificador. Estou convencido de que se trata de um desvio perigoso. Desde quando comecei a detectar esse novo clima ecumênico até agora, R. C. Sproul tem sido uma das poucas vezes que, de forma clara e consistente, tem chamado a atenção para isso. Para ele, está claro que está em jogo aqui nada menos do que o evangelho. Os vários manifestos ecumênicos recentes mostram isso, embora em termos sutis e confusos. Outras provas podem ser encontradas nos ensinamentos publicados pela igreja católica. Durante aproximadamente quinze anos, sempre desejei que houvesse uma exposição clara e acessível que recorresse ao catecismo mais recente da igreja católica e que mostrasse por que razão a doutrina da igreja é incompatível com o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo, e é até mesmo hostil a ele. Sinto-me especialmente alegre agora de ver que precisamente esse livro foi escrito pelo dr. Sproul. Não há ninguém mais bem qualificado do que ele para tratar de questões desse tipo, e a defesa que ele faz da Escritura é simplesmente espetacular, seja do ponto de vista da história, seja da perspectiva do Catecismo da Igreja Católica.

**Dr. John MacArthur**, pastor-professor da Grace Community Church, Sun Valley, Califórnia, Estados Unidos.

Vivemos numa época em que o caos teológico do evangelicalismo e a preferência pela pirotecnia paraeclesialística em detrimento da eclesiologia bíblica fizeram de Roma uma opção cada vez mais atraente para muitos cristãos que buscam algo mais satisfatório do ponto de vista intelectual e institucional. É por esse motivo que o livro do dr. Sproul é tão oportuno, uma vez que expõe as diferenças entre o protestantismo ortodoxo e o catolicismo romano de maneira clara, concisa e proveitosa. Quem quiser saber o que está em jogo no debate entre Genebra e Roma, que leia esse livro.

**Dr. Carl R. Trueman**, professor de estudos bíblicos e religiosos no Grove City College, Grove City, Pensilvânia, Estados Unidos.

Ao discutir teologia católica romana, os protestantes muitas vezes se mostram ignorantes, desatentos ou injustos. O poder deste livro é que R. C. Sproul é justo, preciso e generoso ao provar que os erros da igreja católica

romana são a um só tempo graves e significativos e que o evangelho católico romano não é o evangelho da Bíblia. Até mesmo quando nos convoca a amarmos nossos amigos católicos romanos, ele adverte que não é possível tê-los como irmãos e irmãs sem com isso colocar em risco o evangelho.

**Tim Challies**, pastor e autor de *Desintoxicação sexual e Discernimento espiritual* (Vida Nova). Escreve no seu blog, [challies.com](http://challies.com).

Há os que são atraídos pelo catolicismo romano em virtude da rica tradição que identificam nele e não identificam em boa parte do evangelicalismo. Há até mesmo líderes de igrejas e historiadores nos dizendo que a lacuna entre protestantes e católicos acabou. Precisamos de uma resposta que seja bíblicamente sadia e historicamente informada. Esse livro é a resposta. Com sua persuasão e clareza típicas, R. C. Sproul nos mostra os erros do catolicismo romano quando comparados com a beleza e a verdade do evangelho de Jesus Cristo revelado na Escritura.

**Dr. Stephen J. Nichols**, reitor do Reformation Bible College, Sanford, Flórida, Estados Unidos.

A verdade é preciosa, porque nos liberta (Jo 8.31-32). Na igreja de Cristo, nossa unidade gira em torno de sabermos em que cremos (Ef 4.12-13). Com frequência, as discussões sobre o catolicismo romano e o protestantismo ficam prejudicadas pela indiferença em relação à doutrina ou por caricaturas injustas das crenças um do outro. Em nenhum desses casos existe amor pela verdade. O livro de R. C. Sproul é uma obra-prima de imparcialidade, repleto de citações de escritos oficiais católicos e protestantes. Sem maiores digressões, ele nos dá uma visão clara dos principais temas da Reforma e nos ajuda a ver que não podemos minimizar nossas diferenças e ao mesmo tempo continuar fiéis a Cristo, porque o evangelho está em risco.

**Dr. Joel R. Beeke**, reitor e professor de teologia sistemática e de homilética no Puritan Reformed Theological Seminary, Estados Unidos.

É autor de *A segurança da salvação* e coautor de *Teologia Puritana* (Vida Nova).

Esse livro é extraordinário. Faz tempo que venho tentando encontrar uma obra como essa. Sproul defende com firmeza e correção a fé da Reforma, mas sem dar lugar ao rancor ou à caricatura. O autor se esforça ao máximo para ser justo com Roma ao analisar as nuances do catecismo romano e a importância do Vaticano II. Esse é o primeiro livro que recomendo num

momento em que protestantes ou católicos me perguntam qual a diferença entre um e outro.

**Rev. Kevin DeYoung**, pastor sênior da Christ Covenant Church, em Matthews, Carolina do Norte e autor de *Os dez mandamentos e Homens e mulheres na igreja* (Vida Nova).

Um livro de enorme importância num momento decisivo das relações entre católicos romanos e protestantes. Ele revela tudo o que poderíamos esperar de Sproul: clareza, precisão, honestidade e uma convicção profunda acerca da natureza e da substância de uma discordância que persiste. Leitura crucial escrita com coragem e generosidade.

**Dr. Derek W. H. Thomas**, ministro sênior da First Presbyterian Church, Columbia, Carolina do Sul, Estados Unidos.

Este livro não é o que você talvez imagine que seja: uma repetição de *slogans*. Pelo contrário, trata-se de um manual de iniciação inteligente e envolvente para protestantes e também para católicos sobre o que Roma ensina de fato e quais as questões que realmente continuam a separar os protestantes confessionais e evangélicos da comunhão com Roma. É um livro que os protestantes deveriam dar de presente a seus vizinhos católicos romanos e que os pastores protestantes (depois de lê-lo) deveriam dar aos membros de sua igreja. É também um livro que não poucos teólogos e historiadores deveriam ler antes da próxima rodada de discussões e documentos ecumênicos.

**Dr. Scott Clark**, professor de história da igreja e de teologia histórica no Westminster Seminary California, Escondido, Califórnia, Estados Unidos.

Nessa resposta conciliadora, embora intransigente, às tentativas recentes de evangélicos para os quais nada de substancial, em se tratando de doutrinas fundamentais, os separa atualmente do catolicismo romano contemporâneo, R. C. Sproul demonstra acertadamente que tal pensamento está profundamente equivocado. No tocante às questões essenciais relacionadas à natureza da salvação e da igreja, Sproul, com muita cautela e prudência, expõe a razão pela qual o pensamento católico romano está muito distante, como sempre esteve, do pensamento dos reformadores, e que, portanto, para sermos fiéis às Escrituras, não podemos ir além dos limites estabelecidos na época da Reforma. O que está em jogo é simplesmente a natureza

do evangelho. Esse livro é extremamente útil, e sua leitura deveria ser obrigatória para todos os interessados em se relacionar com os católicos romanos atualmente.

**Dr. Michael A. G. Haykin**, professor de história da igreja e de espiritualidade bíblica no The Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, Kentucky, Estados Unidos.

Comemoramos em 2017 quinhentos anos de Reforma protestante. Num tempo em que alguns questionam a pertinência e a importância da Reforma para a igreja evangélica, a análise de R. C. Sproul sobre as principais diferenças entre o protestantismo e o catolicismo romano é a um só tempo bem-vinda e necessária. Ao citar e explicar com abundância de detalhes o ensino oficial da igreja católica romana, Sproul nos mostra criteriosamente quais as diferenças e semelhanças entre Roma e o protestantismo. Com um estilo a que já nos habituamos — claro, acessível e pastoral —, o autor demonstra de forma convincente como as questões que entusiasmavam os reformadores séculos atrás não apenas tocam o âmago do evangelho como também continuam conosco hoje. Numa época em que muitos evangélicos conferem atenção renovada ao evangelho bíblico, a obra de Sproul ajuda de forma admirável a igreja a exprimir com fidelidade e sabedoria o evangelho.

**Dr. Guy Prentiss Waters**, professor de Novo Testamento da cátedra James M. Baird Jr. no Reformed Theological Seminary, Jackson, Mississippi, Estados Unidos.

## SUMÁRIO

<i>Prefácio: Combatendo o desvio</i> .....	13
<i>Introdução: Em risco: o evangelho</i> .....	19
1. A Escritura .....	31
2. A justificação .....	53
3. A igreja .....	79
4. Os sacramentos .....	97
5. O papado .....	117
6. Maria .....	135
<i>Conclusão: Então, como devemos proceder?</i> .....	155
<i>Índice de assuntos</i> .....	157

*Prefácio*

COMBATENDO  
O DESVIO

ATÉ MESMO ENTRE PROTESTANTES EVANGÉLICOS existe uma suposição disseminada de que a Reforma chegou ao fim. Ouvimos dizer que as disputas que dividiam a cristandade ocidental no século 16 estão distantes dos problemas da vida contemporânea. Além disso, prossegue o argumento, as reconciliações ecumênicas neutralizaram as condenações mútuas. O magistério católico romano tem agora uma sólida doutrina da graça da salvação, e as igrejas da Reforma reconheceram finalmente o papel da atuação humana. Em face do secularismo incisivo e de uma cultura de morte, para não falar do movimento islâmico ressurgente em todo o mundo, nossas divisões — e as polêmicas que as sustentam — não seriam desnecessárias e também um escândalo para nosso testemunho comum?

Amplamente reconhecido como professor cristão, pastor, autor e mestre de destaque, R. C. Sproul não concorda com essa suposição. Estudioso ávido de Tomás de Aquino, Sproul pertence à longa tradição de teólogos reformados que leram extensamente, e com proveito, o legado anterior à Reforma. A exemplo

dos reformadores, ele sabe que a igreja medieval sempre afirmou — e o ensino católico romano oficial de hoje continua a afirmar — a importância da graça, de Cristo, da fé e da Escritura. Foi o *sola* (do latim, “só”) que os reformadores acrescentaram a essas afirmações que resultaram na Reforma e que continuam a dividir esses corpos históricos. Sproul sabe onde essas confissões estão de acordo em questões substanciais e onde divergem em aspectos igualmente significativos. Esse conhecimento faz deste livro uma investigação culta que evita caricaturas radicais, bem como declarações radicais de que resolvemos finalmente nossas diferenças.

No decorrer dos anos, muitos protestantes se desviaram das principais convicções que deflagraram a Reforma. Denominações inteiras com raízes na Reforma se distanciaram de tal modo da Palavra de Deus em direção à filosofia e à espiritualidade centradas no homem que nossas diferenças com Roma parecem amenas em comparação. Embora os reformadores tenham discernido na igreja medieval um semipelagianismo natural do coração decaído, muitos corpos protestantes cogitam atualmente, e até mesmo encorajam, um pelagianismo absoluto. Se nossa condição não é tão grave quanto indica a Escritura, não é de surpreender que nossa percepção passe de uma operação de resgate efetuada pelo Deus encarnado para um progresso e transformação nossos, de caráter pessoal e social. Jesus se torna um exemplo inspirador, é claro, mas ele não precisa ser necessariamente um Salvador divino para desempenhar seu papel. Não é de surpreender que a isso se sigam a divinização do eu interior (gnosticismo) e a negação da pessoa e obra singulares de Cristo (arianismo/socinianismo), assim como a noite vem depois do dia. Ninguém precisa falar isso. Não é preciso



romper formalmente com o cristianismo. Os credos continuam a ser professados, mas não importam mais, porque nossa fé e vida são determinados mais por nossa teologia natural do que pelo evangelho que surpreende e desorienta.

Esse desvio para longe da luz da Palavra de Deus e de volta à órbita do nosso coração decaído é bastante evidente hoje nos círculos evangélicos em que os princípios básicos da Reforma foram defendidos e proclamados com paixão. De acordo com vários estudos, os evangélicos americanos, de modo geral, não sabem no que creem e por que creem. Consequentemente, a maior parte deles partilha com a vasta cultura externa uma confiança na bondade humana e tem em comum com ela uma perspectiva frágil da necessidade da graça salvadora de Deus em Jesus Cristo. De acordo com esses estudos, a maior parte dos evangélicos crê que somos salvos se formos bons e que há muitas formas de salvação fora da fé explícita em Jesus Cristo.

Portanto, se a pergunta da Reforma — “Como posso encontrar um Deus bondoso?” — não importa mais, segue-se que o cristianismo não importa mais. E, se o protestantismo evangélico perdeu sua estrutura de referência para responder a essa indagação, faz sentido que as divisões doutrinárias da Reforma pareçam pouco relevantes se há tanta coisa que podemos fazer juntos para transformar nosso mundo.

Para o autor deste livro, porém, a Reforma, longe de ter chegado ao fim, precisa se estender por toda a paisagem da vida da igreja contemporânea, tanto no que se refere a protestantes quanto a católicos. Seguem-se algumas tendências preocupantes que devem ser investigadas e reformadas:

- Confiamos demais em nossas próprias palavras, de modo que as igrejas se tornam câmaras de eco das tendências mais recentes na psicologia pop, no marketing, na política, no entretenimento e na liderança empresarial. Temos de recuperar nossa confiança no Deus triúno e em seu discurso, porque ele fala conosco com autoridade em sua Palavra.
- Estamos todos muito confiantes em nossos próprios métodos para o êxito na transformação pessoal, eclesial e social. Precisamos nos voltar novamente para o julgamento e a graça de Deus, para sua ação por intermédio dos meios da graça.
- Confiamos demais em nossas boas obras. Temos de nos arrepender e ser conduzidos novamente ao desespero, não apenas por causa dos nossos pecados, mas por nossa suposta justiça.
- Estamos apaixonados demais pela nossa glória, pelos reinos que estamos construindo. Temos de ser levados de volta àquele lugar de confiança em Cristo onde temos consciência profunda de estar “recebendo um reino inabalável” (Hb 12.28), porque Deus o está edificando para sua própria glória, e as portas do inferno não prevalecerão contra ele. Somente quando desviarmos nossos ouvidos das falsas promessas desta era passageira para a Palavra de Deus, para sua revelação salvadora em Cristo como o único evangelho e para a glória do Deus triúno como nosso único objetivo, só assim poderemos ter a expectativa de ver um reavivamento genuíno do discipulado, da adoração e da missão cristãs no mundo de hoje.

Mesmo que não concorde com tudo neste livro, você encontrará aqui o parecer de um pastor sábio, fiel e bem informado. O autor defende apaixonadamente a Reforma, não como um curador de museu, e sim como pastor do rebanho de Cristo. É precisamente pelo fato de que essas questões continuam a ser um problema persistente e incontornável para todo ser humano, em todo lugar, desde a Queda da humanidade no Éden, que Sproul chama de novo, insistentemente, nossa atenção para elas. A extrema objetividade com que ele trata dessas questões me influenciou, me provocou e me serviu de orientação para toda a vida adulta.

Que o Espírito de Deus ilumine nossa mente e coração para ouvir e compreender sua Palavra no decorrer do percurso importante, e por vezes difícil, que o autor desbrava nestas páginas. Que, por seu intermédio, compreendamos não apenas com maior clareza em que diferimos de nossos amigos católicos romanos, como tenhamos também maior prazer no tesouro guardado para nós na Palavra viva e permanente de Deus.

Dr. Michael S. Horton

*Professor da cátedra J. Gresham Machen de teologia  
e apologética do Seminário Westminster da Califórnia.*

## *Introdução*

# EM RISCO : O EVANGELHO

O EVANGELHO DE JESUS CRISTO corre sempre o risco de ser distorcido. Ele foi distorcido nos séculos que levaram à Reforma protestante do século 16. Ele foi distorcido em várias outras ocasiões da história da igreja, e é distorcido com frequência hoje. Foi por isso que Martinho Lutero disse que o evangelho tinha de ser defendido a cada nova geração. Ele é o ponto central dos ataques das forças do mal. Elas sabem que, se puderem se livrar do evangelho, se livrarão do cristianismo.

O evangelho, a boa-nova do Novo Testamento, tem dois lados: um lado objetivo e outro subjetivo. O conteúdo objetivo do evangelho é a pessoa e a obra de Jesus — quem ele é e o que realizou em vida. O lado subjetivo trata da questão de como os benefícios da obra de Cristo são apropriados pelo crente. É nesse ponto que a doutrina da justificação entra em cena.

A Reforma lidou com vários temas, mas o principal deles, a questão por excelência da Reforma, foi o evangelho, especialmente a doutrina da justificação. Não havia grandes discordâncias entre as autoridades da igreja católica romana e os

reformadores protestantes em relação ao lado objetivo. As partes estavam de acordo que Jesus era divino, que ele era Filho de Deus e da Virgem Maria, e que viveu uma vida de obediência perfeita, morreu na cruz numa morte expiatória e ressuscitou dos mortos. A batalha se deu em torno da segunda parte do evangelho, do lado subjetivo, sobre como os benefícios de Cristo são aplicados ao crente.

Os reformadores acreditavam e ensinavam que somos justificados pela fé somente. A fé, diziam, é a *única causa instrumental* da nossa justificação. Com isso, eles queriam dizer que recebemos todos os benefícios da obra de Jesus quando depositamos nossa confiança exclusivamente nele.

A comunhão romana ensinava também que a fé é uma condição necessária à salvação. No influente Concílio de Trento (1545-1563), que formulou a resposta de Roma à Reforma, as autoridades católicas romanas declararam que a fé proporciona três coisas: o *initium*, o *fundamentum* e a *radix*. Isto é, a fé é o *começo* da justificação, o *fundamento* da justificação e a *raiz* da justificação. Roma, porém, dizia que a pessoa podia ter fé verdadeira e ainda assim não ser justificada, porque havia no sistema romano muitas outras coisas.

Na verdade, a perspectiva romana do evangelho, conforme expressa em Trento, era que a justificação se dá pelos sacramentos. Inicialmente, o recebedor deve aceitar e cooperar com o batismo, pelo qual ele recebe a graça justificadora. Ele conserva essa graça enquanto não cometer pecado mortal. O pecado mortal é assim chamado porque mata a graça da justificação. O pecador terá, então, de ser justificado uma segunda vez. Isso acontece por meio do sacramento da penitência, que o Concílio de Trento definiu como

“segunda tábua” da justificação para aqueles cuja alma sofrera o naufrágio da graça.<sup>1</sup>

Essa era a diferença fundamental. Trento dizia que Deus não justifica ninguém até que a justiça real seja parte natural da pessoa. Em outras palavras, Deus não declara a pessoa justa a menos que ela *seja* justa. Portanto, de acordo com a doutrina católica romana, a justificação depende da santificação da pessoa. Diferentemente disso, os reformadores diziam que a justificação está baseada na imputação da justiça de Jesus. A justiça de Jesus é o único fundamento para a salvação de alguém, justiça essa que lhe é imputada quando crê.

Havia perspectivas radicalmente distintas de salvação. Era impossível conciliá-las. Uma delas era o evangelho. Uma delas não era o evangelho. Portanto, o que estava em jogo na Reforma era o evangelho de Jesus Cristo. Embora o Concílio de Trento tenha muitas declarações excelentes das verdades tradicionais da fé cristã, ele afirmou que a justificação pela fé apenas era anátema,<sup>2</sup> ignorando inúmeros ensinamentos explícitos da Escritura, como, por exemplo,

---

<sup>1</sup>“Os que, tendo recebido a graça da salvação [Justificação], a perderam por pecado, poderão novamente salvar-se pelos méritos de Jesus Cristo, procurando, estimulados com o auxílio divino, recobrar a graça perdida, mediante o sacramento da Penitência. Esse modo de salvação é a reparação ou restabelecimento daquele que caiu em pecado, a mesma que com muita propriedade foi chamada pelos Padres de segunda tábua (apoio de salvação) depois do naufrágio da graça que perdeu” (Cânones e Decretos do Concílio de Trento, Sexta Sessão, Cap. XIV, <http://history.hanover.edu/texts/trent/trentall.html>, acesso em 12 de março de 2012). Versão em português: <http://agnusdei.50webs.com/trento9.htm>.

<sup>2</sup>“Se alguém disser que o pecador se salva somente com a fé, entendendo que não é requerida qualquer outra coisa que coopere para conseguir a graça da salvação, e que de nenhum modo é necessário que se prepare e previna com o impulso de sua vontade, seja excomungado [anátema]” (Cânones e Decretos do Concílio de Trento, Sexta Sessão, Cap. XVI, Cânon IX, <http://history.hanover.edu/texts/>

Romanos 3.28: “Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei”.

### *Liberalismo e ecumenismo*

No século 19, e também no 20, o evangelho foi ameaçado pelos partidários da teologia liberal, que negavam a obra sobrenatural de Jesus. Essa ainda era a maior ameaça quando fui para o seminário nos anos 1960. No fim das contas, os acomodamentos eram de tal modo flagrantes que tive de sair da igreja em que cresci e fui ordenado.

Cerca de dez anos depois da minha ordenação, um ministro da denominação em que fui ordenado foi julgado num tribunal da igreja acusado de heresia. Julgamentos desse tipo eram praticamente coisa do passado, porém aquele homem havia negado publicamente a expiação de Cristo e, como ministro ordenado, negava-se a afirmar a divindade de Jesus. Seu caso foi levado ao supremo tribunal da igreja.

Ao comunicar sua decisão, aquele tribunal fez duas afirmações. Em primeiro lugar, ele reafirmava os credos históricos da igreja, todos os quais declaravam a divindade de Cristo e sua expiação. Em seguida, o tribunal disse que as interpretações daquele homem estavam dentro dos limites da interpretação do credo. Portanto, por um lado o tribunal reafirmou os credos; por outro, porém, disse que os ministros da igreja não precisavam crer de verdade neles.

Esse caso me mostrou que a denominação em que eu servia estava disposta a tolerar o intolerável. Um homem podia negar a divindade de Cristo ou a expiação e continuar no ministério com a boa reputação intocada. Essa crise revelou uma antipatia

---

trent/trentall.html, acesso em 12 de março de 2012). Versão em português: <http://agnusdei.50webs.com/trento9.htm>.

profundamente enraizada e disseminada em relação à verdade confessional objetiva.

Creio que a crise mais aguda em torno da pureza do evangelho por que já passei em minha carreira ministerial foi a iniciativa conhecida como Evangélicos & Católicos Juntos (ECT, na sigla em inglês, 1994). A iniciativa foi motivada pela profunda preocupação entre alguns líderes evangélicos e católicos romanos com as chamadas “questões referentes à graça comum”, tais como valores familiares, o aborto e o relativismo na cultura. Líderes protestantes e católicos romanos queriam dar as mãos para falar como cristãos unidos contra a maré crescente de decadência e relativismo moral. Ótimo. Eu me juntaria a quem quer que fosse — católicos romanos, mórmons, muçulmanos — pelos direitos civis das pessoas e dos nascituros.

Contudo, no meio do documento do ECT, diziam seus formuladores: “Afirmamos em conjunto que somos justificados pela graça através da fé por causa de Cristo”.<sup>3</sup> Em outras palavras, o ECT declarava que os evangélicos e os católicos romanos têm uma unidade de fé no evangelho. Essa declaração fora longe demais. Se eu me unisse a um muçulmano porque estamos de acordo em relação a alguns direitos humanos, isso seria uma coisa. Outra coisa é dizer que o muçulmano e eu estamos unidos pela fé. Isso não é de modo algum verdadeiro. Tampouco é verdade que eu, enquanto evangélico, estou unido pela fé a um católico romano. Portanto, aquele documento inicial suscitou uma controvérsia e tanto dentro do evangelicalismo.

---

<sup>3</sup>Evangélicos & Católicos Juntos: The Christian Mission in the Third Millennium, <http://www.leaderu.com/ftissues/ft9405/articles/mission.html>, acesso em 12 de março de 2012.